

ETEC PROFESSOR JOSÉ CARLOS SENO JÚNIOR  
PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO  
ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO TÉCNICO – DESENVOLVIMENTO DE  
SISTEMAS  
LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA E COMUNICAÇÃO PROFISSIONAL

GABRIEL DE SOUZA SANTOS  
GUILHERME HENRIQUE DAROZ  
LUÍS ARTUR FAUSTINONI RIBEIRO  
PEDRO LUCAS APARECIDO SILVA

Poema “Ao Santíssimo Sacramento”, de Padre José de Anchieta

Olímpia

2022

## 1. POEMA



Ao Santíssimo Sacramento

José de Anchieta

Oh que pão, oh que comida,

Oh que divino manjar  
Se nos dá no santo altar  
Cada dia.

Filho da Virgem Maria  
Que Deus Padre cá mandou  
E por nós na cruz passou  
Crua morte.

E para que nos conforte  
Se deixou no Sacramento  
Para dar-nos com aumento  
Sua graça.

Esta divina fogaça  
É manjar de lutadores,  
Galardão de vencedores  
Esforçados.

Deleite de enamorados  
Que com o gosto deste pão  
Deixem a deleitarão  
Transitória.

Quem quiser haver vitória  
Do falso contentamento,  
Goste deste sacramento  
Divinal.

Ele dá vida imortal,  
Este mata toda fome,  
Porque nele Deus é homem  
Se contêm.

É fonte de todo bem  
Da qual quem bem se embebeda  
Não tenha medo de queda  
Do pecado.

Oh! que divino bocado  
Que tem todos os sabores,  
Vindes, pobres pecadores,  
A comer.

Não tendes de que temer  
Senão de vossos pecados;  
Se forem bem confessados,  
Isso basta.

Que este manjar tudo gasta,  
Porque é fogo gastador,  
Que com seu divino ardor  
Tudo abrasa.

É pão dos filhos de casa  
Com que sempre se sustentam  
E virtudes acrescentam  
De contino.

Todo al é desatino  
Se não comer tal vianda,  
Com que a alma sempre anda  
Satisfeita.

Este manjar aproveita  
Para vícios arrancar  
E virtudes arraigar  
Nas entranhas.

Suas graças são tamanhas,  
Que se não podem contar,  
Mas bem se podem gostar  
De quem ama.

Sua graça se derrama  
Nos devotos corações  
E os enche de benções  
Copiosas.

Oh que entranhas piedosas  
De vosso divino amor!  
Ó meu Deus e meu Senhor  
Humanado!

Quem vos fez tão namorado  
De quem tanto vos ofende?!  
Quem vos ata, quem vos prende  
Com tais nós?!

Por caber dentro de nós  
Vos fazeis tão pequenino  
Sem o vosso ser divino,  
Se mudar.

Para vosso amor plantar  
Dentro em nosso coração  
Achastes tal invenção  
De manjar,

Em o qual nosso padar  
Acha gostos diferentes  
Debaixo dos acidentes

Escondidos.

Uns são todos incendiados  
Do fogo de vosso amor,  
Outros cheios de temor  
Filial,

Outros com o celestial  
Lume deste sacramento  
Alcançam conhecimento  
De quem são,

Outros sentem compaixão  
De seu Deus que tantas dores  
Por nos dar estes sabores  
Quis sofrer.

E desejam de morrer  
Por amor de seu amado,  
Vivendo sem ter cuidado  
Desta vida.

Quem viu nunca tal comida  
Que é o sumo de todo bem,  
Ai de nós que nos detém  
Que buscamos!

Como não nos enfrascamos  
Nos deleites deste Pão  
Com que o nosso coração  
Tem fartura.

Se buscarmos formosura  
Nele está toda metida,

Se queremos achar vida,  
Esta é.

Aqui se refina a fé,  
Pois debaixo do que vemos,  
Estar Deus e homem cremos  
Sem mudança.

Acrescenta-se a esperança,  
Pois na terra nos é dado  
Quanto lá nos céus guardado  
Nos está.

A caridade que lá  
Há de ser aperfeiçoada,  
Deste pão é confirmada  
Em pureza.

Dele nasce a fortaleza,  
Ele dá perseverança,  
Pão da bem-aventurança,  
Pão de glória.

Deixado para memória  
Da morte do Redentor,  
Testemunho de Seu amor  
Verdadeiro.

Oh mansíssimo Cordeiro,  
Oh menino de Belém,  
Oh Jesus todo meu Bem,  
Meu Amor.

Meu Esposo, meu Senhor,

Meu amigo, meu irmão,  
Centro do meu coração,  
Deus e Pai.

Pois com entranhas de Mãe  
Quereis de mim ser comido,  
Roubai todo meu sentido  
Para vós

Prendei-me com fortes nós,  
Iesu, filho de Deus vivo,  
pois que sou vosso cativo,  
que comprastes

Com o sangue que derramastes,  
Com a vida que perdestes,  
Com a morte que quisestes  
Padecer.

Morra eu, por que viver  
Vós possais dentro de mim;  
Ganha-me, pois me perdi  
Em amar-me.

Pois que para incorporar-me  
E mudar-me em vós de todo,  
Com um tão divino modo  
Me mudais.

Quando na minha alma entraís  
É dela fazeis sacrário,  
De vós mesmo é relicário  
Que vos guarda.



Enquanto a presença tarda  
De vosso divino rosto,  
O saboroso e doce gosto  
Deste pão

Seja minha refeição  
E todo o meu apetite,  
Seja gracioso convite  
De minha alma.

Ar fresco de minha calma,  
Fogo de minha frieza,  
Fonte viva de limpeza,  
Doce beijo.

Mitigador do desejo  
Com que a vós suspiro, e gemo,  
Esperança do que temo  
De perder.

Pois não vivo sem comer,  
Como a vós, em vós vivendo,  
Vivo em vós, a vós comendo,  
Doce amor.

Comendo de tal penhor,  
Nela tenha minha parte,  
E depois de vós me farte  
Com vos ver.

# Amém.

## 2. ANÁLISE

Oh que pão, oh que comida,  
Oh que divino manjar  
Se nos dá no santo altar  
Cada dia.

Aqui, José de Anchieta já faz referência ao pão, que, segundo a Bíblia, é uma comida sagrada. Ainda diz que o pão deve ser comido em um lugar santificado, no caso, o altar.

Filho da Virgem Maria  
Que Deus Padre cá mandou  
E por nós na cruz passou  
Crua morte.

Filho da Virgem Maria – Jesus. Aqui, é uma referência ao ato sagrado de Jesus (seu sacrifício em prol da humanidade).

E para que nos conforte  
Se deixou no Sacramento  
Para dar-nos com aumento  
Sua graça.

**Jesus aqui então deixou algo para dar-nos sua graça.**

Esta divina fogaça  
É manjar de lutadores,  
Galardão de vencedores  
Esforçados.

**”Divina fogaça” - Pão, alimento sagrado da Bíblia. E este pão será  
comido por aqueles lutadores vencedores esforçados.**

Deleite de enamorados  
Que com o gosto deste pão  
Deixem a deleitação  
Transitória.

**Depois de comer este pão eles vão poder alcançar o céu, uma boa vida.**

Quem quiser haver vitória  
Do falso contentamento,  
Goste deste sacramento  
Divinal.

**Quem quiser superar esta falsa ilusão de felicidade, que deleite este  
sacramento (referência ao pão, novamente) divino.**

Ele dá vida imortal,  
Este mata toda fome,  
Porque nele Deus é homem  
Se contêm.

**Este pão mata toda fome, dá vida imortal.**

É fonte de todo bem  
Da qual quem bem se embebeda  
Não tenha medo de queda  
Do pecado.

**Novamente o pão é tratado como divino. Ele pode colocar o indivíduo mais próximo de Jesus e Deus.**

Oh! que divino bocado  
Que tem todos os sabores,  
Vindes, pobres pecadores,  
A comer.

**Ele se refere aos índios como ‘pobres pecadores’, e ele convida estes para comer o pão divino.**

Não tendes de que temer  
Senão de vossos pecados;  
Se forem bem confessados,  
Isso basta.

**Se os pecados forem confessados (pecados = não serem católicos e não seguirem a religião cristã), tudo bem.**

Que este manjar tudo gasta,  
Porque é fogo gastador,  
Que com seu divino ardor  
Tudo abrasa.

**Manjar o pão vai abrasar os pecados, seria como uma espécie de perdão.**

É pão dos filhos de casa  
Com que sempre se sustentam  
E virtudes acrescentam  
De contino.

Todo al é desatino  
Se não comer tal vianda,  
Com que a alma sempre anda  
Satisfeita.

Este manjar aproveita  
Para vícios arrancar  
E virtudes arraigar  
Nas entranhas.

**Três estrofes onde ele tenta caracterizar e divinizar o pão, mais uma vez.  
O pão arranca vícios, adiciona virtudes, é a salvação do homem.**

Suas graças são tamanhas,  
Que se não podem contar,  
Mas bem se podem gostar  
De quem ama.

Sua graça se derrama  
Nos devotos corações  
E os enche de benções  
Copiosas.

Oh que entranhas piedosas  
De vosso divino amor!  
Ó meu Deus e meu Senhor  
Humanado!

**Três estrofes em relação às graças de Deus e Jesus Cristo, indicando que segui-los é o caminho para a salvação, para o amor e para a benção divina.**

Quem vos fez tão namorado  
De quem tanto vos ofende?!  
Quem vos ata, quem vos prende  
Com tais nós?!

**O questionamento do padre em relação ao motivo dos índios seguirem um caminho contrário ao cristianismo.**

Por caber dentro de nós  
Vos fazeis tão pequenino  
Sem o vosso ser divino,  
Se mudar.

Para vosso amor plantar  
Dentro em nosso coração  
Achastes tal invenção  
De manjar,

**Para colocar dentro do humano o amor, Deus “inventou” algo para que o humano manjasse.**

Em o qual nosso padar  
Acha gostos diferentes  
Debaixo dos acidentes  
Escondidos.

Uns são todos incendiados  
Do fogo de vosso amor,  
Outros cheios de temor  
Filial,

Outros com o celestial  
Lume deste sacramento  
Alcançam conhecimento  
De quem são,

Outros sentem compaixão  
De seu Deus que tantas dores  
Por nos dar estes sabores  
Quis sofrer.

**Longa sequência de estrofes para dizer aos índios que com este sacramento, será dado conhecimento, amor, a compaixão de Cristo, a salvação.**

E desejam de morrer  
Por amor de seu amado,  
Vivendo sem ter cuidado  
Desta vida.

Quem viu nunca tal comida  
Que é o sumo de todo bem,  
Ai de nós que nos detém  
Que buscamos!

Como não nos enfrascamos  
Nos deleites deste Pão  
Com que o nosso coração  
Tem fartura.

Se buscarmos formosura  
Nele está toda metida,  
Se queremos achar vida,  
Esta é.

**O pão é a vida, é a comida sagrada dada por Cristo, onde está contida toda a graça de Deus, e se queremos achar a salvação e a vida, no pão acharemos.**

Aqui se refina a fé,  
Pois debaixo do que vemos,  
Estar Deus e homem cremos  
Sem mudança.

Acrescenta-se a esperança,  
Pois na terra nos é dado  
Quanto lá nos céus guardado  
Nos está.

**É necessário fazer algo com algo que nos é dado, pois assim seremos salvos e entraremos em contato com o reino de Deus.**

A caridade que lá  
Há de ser aperfeiçoada,  
Deste pão é confirmada  
Em pureza.

Dele nasce a fortaleza,  
Ele dá perseverança,  
Pão da bem-aventurança,  
Pão de glória.

**Assim como nas primeiras estrofes, aqui há uma colocação sobre como o pão é divino e salva os indivíduos. Ele dá perseverança.**

Deixado para memória  
Da morte do Redentor,  
Testemunho de Seu amor



Verdadeiro.

Oh mansíssimo Cordeiro,  
Oh menino de Belém,  
Oh Jesus todo meu Bem,  
Meu Amor.

Meu Esposo, meu Senhor,  
Meu amigo, meu irmão,  
Centro do meu coração,  
Deus e Pai.

### **Adoração à Jesus Cristo.**

Pois com entranhas de Mãe  
Quereis de mim ser comido,  
Roubai todo meu sentido  
Para vós

Prendei-me com fortes nós,  
Iesu, filho de Deus vivo,  
pois que sou vosso cativo,  
que comprastes

Com o sangue que derramastes,  
Com a vida que perdestes,  
Com a morte que quisestes  
Padecer.

**Novamente adoração à Jesus Cristo, aqui contando um pouco de sua história, do seu sacrifício pela sua humanidade e como o Padre se tornou devoto à ele.**

Morra eu, por que viver  
Vós possais dentro de mim;  
Ganha-me, pois me perdi  
Em amar-me.

Pois que para incorporar-me  
E mudar-me em vós de todo,  
Com um tão divino modo  
Me mudais.

**É praticamente um pedido para que Jesus Cristo salve-o e mude-o.**

Quando na minha alma entraís  
É dela fazeis sacrário,  
De vós mesmo é relicário  
Que vos guarda.

Enquanto a presença tarda  
De vosso divino rosto,  
O saboroso e doce gosto  
Deste pão

Seja minha refeição  
E todo o meu apetite,  
Seja gracioso convite  
De minha alma.

**Comer o pão é se aproximar de Jesus Cristo, é como se suprisse a ausência física de Jesus Cristo. Ele pede para que o pão seja como Jesus entrando em sua alma.**

Ar fresco de minha calma,  
Fogo de minha frieza,  
Fonte viva de limpeza,

Doce beijo.

Mitigador do desejo  
Com que a vós suspiro, e gemo,  
Esperança do que temo  
De perder.

Pois não vivo sem comer,  
Como a vós, em vós vivendo,  
Vivo em vós, a vós comendo,  
Doce amor.

Comendo de tal penhor,  
Nela tenha minha parte,  
E depois de vós me farte  
Com vos ver.

# Amém.

Ele dedica as últimas estrofes para explicar a necessidade de comer o pão para se aproximar de Jesus Cristo. O pão seria como um fragmento físico que Jesus deixou para que se aproximássemos do reino de Deus.